



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 17.5.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistado: Moisés Domingos

Responsável pela transcrição: Mayane Ranice Costa da Rocha (bolsista)

[Pessoas falando]

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Muito bem. Eu estava aqui conversando com o presidente e com o nosso convidado por que eu como vocês estavam aqui na reunião passada e a pauta era outra, né? Foi modificada o... a sua seria depois, ainda não estava nem agenda porque ele entrou... foi antecipado. Então nós estamos aqui com o professor Moisés Domingos, que foi presidente do diretório central dos estudantes do período de 79 a 81. Então ele vai fazer sua auto apresentação e em seguida o seu relato, ele viveu um momento muito importante pra todos nós, né, que já era...

[Inaudível]

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não, a abertura estava, naquele momento que a gente já discutiu aqui viu Geniberto que se... Muitas pessoas acharam estranho porque determinadas figuras que já tinham sido muito radicais durante a ditadura e tiveram gestos, né, dando atestados, dando depoimentos favoráveis a professores e estudantes no final da década de 70, início da década de 80, né, e aí eu queria dizer que uma referência dessa hora todo mundo estava querendo aparecer bem,

né? Você vivenciou isso como presidente do DCE e observou isso, estava todo mundo querendo sair bem na foto [risos], na fita, de forma que essa foi um período muito interessante para os psicólogos estudarem a vivência na Universidade. Com a palavra o professor Moisés Domingo.

Moisés Domingos: Bom, não sei se é dia ou se é noite, né, mas cumprimentar a todos e todas presentes e parabenizar a Comissão por esse magnífico trabalho e como a nossa amiga dizia mais comissão de memória, comissão de memória do que da verdade. Essa discussão de parâmetros de verdade, um rápido comentário, eu fiquei todo o tempo aqui, quieto, não me movimentando porque há tendência a se levantar vários ângulos de discussões, várias visões e só eu diria que é difícil ainda pra nós. Vou falar do meu ponto de vista, ainda difícil discutir o que nós vivemos. Eu tive a chance de participar seis anos no governo Lula, praticamente depois que o Lula foi eleito eu fiquei em Brasília até 2009. Em 2009, uma grande preocupação que eu tinha com meus companheiros depois eu vou fazer um pouco... eu vou situar vocês, né, no meu próprio depoimento. É que nós não estamos pensando, fazemos sem pensar que sociedade estamos construindo, essa é minha leitura do governo, e temos vários problemas do ponto de vista do Estado, um Estado ainda muito envolvido na corrupção, na pirotecnia e a calendário eleitoral, isso não assusta cientista social ou ao sociólogo porque nós temos que trabalhar com a realidade, como estamos vivendo. Então, é... quando começou essa rápida discussão dos ângulos, questões, é porque acredito que nós, eu sinto de minha parte também, militante de tanta época, 40 anos 42 anos de militância política, sinto que não temos mais espaço como tivemos antes de 64, né, então quem viveu aquele período na militância, na política, uma sociedade que se discutia, se pensava, então havia muita ebulição e hoje pra não alongar e não deixar mal-entendidos, acredito, a tese é: Nós estamos numa sociedade em transição, num momento de transição, e num ponto de vista histórico essas transições demoram muito tempo, né, não foi ter derrubado a ditadura, feito a abertura que nós dividimos a sociedade. Então esse momento de transição é que precisamos discutir, pensar que sociedade estamos construindo e é muito difícil, eu sou de muitos anos de esquerda, de várias organizações e cientista social, a dificuldade que temos em travar esse debate no seio da própria esquerda, é e digo sempre aos colegas e penso assim como professor também. Quando você falava das manifestações, eu liberei a turma pra ir antes pra manifestação. Teve estudante que fez: “professor, será que vale a pena?”. Filhos de militantes, da minha

época, e eu digo: “é importante ir discordando, não? Se introduzido no que não concorda, mas ser uma voz lá dentro, este é um momento de socialização que você não vai adquirir em leitura em discurso de ninguém, é uma experiência que é sua, a experiência não se dá, ela adquiriu-se”. E nós, e essa juventude que está aí, precisamos nos movimentar, a sociedade precisa se movimentar, pensar por si mesmo e agir, nós, sempre colegas dessa geração, da antiga geração, que pensamos assim. Então o que, os outros aspectos, um outro tema pra gente discutir em um outro momento, mas a participação é importante. E aí, não vou entrar, não vou provocar, não quero provocar, não vou entrar nesse debate porque eu vim focado pra fazer um certo depoimento, né, resgatando a memória e eu acho que alguns elementos que não são sequer citados nem discutidos na nossa Universidade. Inclusive eu lembro que quando saí do Diretório Central de Estudantes produzi com Fernando Mineiro, durante a madrugada, onde é o DCE hoje, foi nossa primeira, foi nossa sede depois que saímos da praça cívica, né, praça cívica que chama. Produzimos um caderno “ME debates”, só produzimos esse exemplar mimeografado eu e Mineiro rodando a noite toda porque a minha preocupação era... “Mineiro, nós estamos deixando a gestão, vamos fazer um balanço dessa gestão do nosso período pra que não se repitam os que erros que nós cometemos”. E lamento dizer que em seguida só se fez repetir os erros que a gente deveria combater dentro do movimento estudantil, né, erros do movimento, não em relação à participação político qualquer outro coisa era que nós precisaríamos avançar nisso aí. Bom, mas quem é Moisés Domingos pra falar, pra se situar nesse período da abertura? Minha história política vai bem antes, eu entrei na militância política aos 14 anos, aos 13 anos da igreja, a igreja ali no bairro das Quintas na Rua Soão Geraldo, Rua Marx Cavalcante, perdão, entrei ali quando padre Thiago estava chegando a Natal, não falava direito português ainda. Aos 14 anos estava nos grupos de jovens daquela época, dos quais participavam Fransuar por falar na Casa Estudantil, é Fransuar Leonardo Dourado aqui da cidade tinham uma três personalidades aqui da classe média, né, da nossa classe média e intelectuais, gente no discurso bem refinado que ia pro bairro das Quintas trabalhar com os grupos de jovens. Aos 17 anos me filiei ao partido Comunista revolucionário. Aos 19 anos fugi, quando completei 19 anos tive que entrar na clandestinidade e hoje recebi uma relíquia eu não conhecia, né, eu acho que era da ASI não sei de onde veio isso, depois eu quero saber a fonte.

Almir Bueno: É do DOPS.

Moisés Domingos: É do DOPS, isso. Porque a minha casa foi invadida poucos dias que eu saí, me foragi, eles escreveram coisas ridículas, só faltaram falar do livro de Aluísio Alves que não foi citado na relação de livros subversivos. Então, ele diz o seguinte, o que disseram sobre mim: “participou de reuniões de cunho subversivo com Alvamar, Lucia, Raul e Bastos, foi citado por Edmilson Freire de Maciel fazia ponto” – ponto eram os encontros clandestinos – “ponto com Alvamar e Albano, como também era contato de Raul e Lucia” – esses nomes verdadeiros que depois eu os conheci através de codinomes – “foram encontrados em sua residência os livros *México rebelde*, *Cem anos de suor e sangue*, *Um escorpião na balança* e a *Revolução tecnológica* além de outros papéis de cunho subversivo”, tem um irmão que é cabo da aeronáutica”. Meu irmão foi chamado assim que ele... meu irmão não tem nada, nunca se meteu em absolutamente nada, mas foi chamado e incitado a dizer, “só se souber alguma coisa do seu irmão você tem que me falar”, foragiu-se, eu gostei dessa data aqui porque nem eu tinha anotado, segunda quinzena de março de 72 eu fugi de Natal pra entrar na clandestinidade em Recife e a partir de lá ser preso...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você era secundarista?

Moisés Domingos: Sim, secundarista. Nessa época, quando em 72, eu estava no... ia começar o segundo ano no Frei Miguelinho, no padre Frei Miguelinho, no primeiro ano já fazíamos aquele barulho em sala de aula, então... era os alunos da sobretudo na disciplina Moral e cívica. Então eu fazia parte do movimento secundarista na morte de Edson Luiz. Nós saímos ali da escola municipal na noite que antecedeu a missa, né, nós saímos em passeata e mobilizando – eu tinha 16 anos nessa época –, mobilizando o pessoal e tal e fomos pra missa em homenagem a Edson Luiz, nós acabamos fugindo da polícia e nos escondendo em vários lugares e a polícia dispersou tudo. Então, o seguinte, antes de entrar na Universidade, eu vou focar na UFRN, não vou falar lá do meu passado, que é bem longo. A história, então... desde a Igreja ao Partido Comunista Revolucionário, que era uma organização muito pequena, é criada por Carlos Zarattini que era hoje ainda em São Paulo, Manuel Lisboa que é de Alagoas e que foi assassinado no período que eu estava com ele, eu fui acareado na tortura com Manuel Lisboa e ele foi assassinado lá mesmo e aí disseram que ele foi assassinado com Emanuel Bezerra no tiroteio e eles diziam que iam fazer a mesma coisa conosco. “Ó, se não delatam a gente vai fazer as mesmas coisas com vocês como fizemos com aqueles outros”. Ainda tem várias cenas, eu não vou alongar porque tem uma longa história tanto na

clandestinidade, passei dois anos na clandestinidade, fazendo ações subversivas as ações comunistas. Eu era comunista materialista até a medula, leitor de toda a literatura comunista condenada na época, não é? Então de 14 anos até sair da prisão e entrar na Universidade, enfim, nunca parei a militância política. Talvez eu tenha parado um pouco hoje, passando mais uma militância acadêmica científica. Então, em Pernambuco, nessa época, eu fui preso. Tive até um sacrilégio, falar nessa palavra. Conheci o Sérgio Paranhos Fleury, foi quem me pôs no pau de arara. Ele e o filho dele. Depois me ameaçava com um revólver na cabeça, enfim, vivi 45 dias no DOI-CODI de Recife, período de tortura durante todo esse momento, de cueca apenas, tortura manhã, tarde, noite e madrugada, manhã, tarde, noite e madrugada, até aliviar um pouco o quadro. Aí quando foi preso, um bocado de companheiros nossos, porque nós éramos o PCR e das últimas organizações que tinham alguma atuação no Brasil. Então veio não só o Sérgio Fleury, mas como alguns tenentes, uns dois na nossa organização, que estava ousadamente fazendo um monte de coisas, tortura, uma organização pequena, mas que fazendo muitas coisas... então, nesse período, foram assassinados três companheiros nossos, dirigentes da organização, e depois fomos pra cadeia Itamaracá onde fizemos três greves de fome. A primeira greve de fome mais longa no país que se tem notícia está registrada na *Folha de São Paulo*. Na época, foram 25 dias de greve de fome, eu saí da penitenciária inclusive uma semana depois dessa greve de fome. Então, aí vim, voltei pra minha vida, voltei pra Natal e passei a conviver um pouco naquele momento tenebroso que era o período ainda ditatorial, as pessoas tinham medo de falar com você, até namorada que eu quis arranjar depois, depois fui saber que a mãe, a família, não queria, porque eu era um comunista. Duas namoradas tiveram que se afastar de mim porque era um comunista, “aquele cara”, e era um período realmente de medo, meu contato depois vai ser com o Comitê de Anistia ali na Junqueira Aires, quando encontro toda essa turma, Juliano Siqueira, Gleneo, que faleceu... toda aquele, todo esse pessoal que vocês conhecem e então começamos a preparar, eu comecei a preparar, e com esse pessoal de esquerda preparar minha entrada pra Universidade: “bom, vocês estão confiando que eu vou passar no vestibular e que vou entrar então” e de fato foi assim que aconteceu, eu fiz o vestibular, passei e já fui cotado na minha primeira bolsa porque eu, de família pobre, e naquele período desempregado, com dificuldades de você conseguir alguma coisa, eu não sou de classe média de elite, que tinham mil apoios, né? Família pobre precisava trabalhar pra ter alguma coisa, todo o meu pessoal que é citado

aqui nessa lista, pessoal de trabalhadores, pessoal de família pobre... e entro na Universidade e imediatamente consigo uma bolsa

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Que ano?

Moisés Domingos: 79, 1979 ingresso na Universidade já com articulações políticas, com pessoal do PCdoB, com gente ex-militantes do PCR, gente do PCB, né? Se quiserem eu cito os nomes, não tem problema não, são todos conhecidos e militantes, amigos dos nossos... são reitores, são pró-reitores, são personalidades, a provém da verdade...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Cite.

Moisés Domingos: Vou citar o Boneres Araújo. O nosso pró-reitor administrativo, João Emanuel.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Emanuel.

Moisés Domingos: Emanuel, o... daqui, bom, depois vai pra não demorar, pra não atrasar no tempo... depois a gente vai citando, vão chegando os nomes. Então eu entrei articulado com esse pessoal, e aí há um detalhe, vou falar exclusivamente da parte universitária. Há um detalhe pra dizer quem é esse personagem que circulou, imediatamente se tornou presidente do DCE, uma pessoa que não estava aqui, não era conhecida aqui, não tinha feito militância aqui nesse período mais duro, foi o período da prisão. Eu, quando eu fui ligado ao PCR, até a prisão... a partir da prisão eu fiz uma avaliação crítica, nós éramos bons leitores, refletíamos muito sobre, líamos muito e refletimos muito sobre a realidade. A nossa geração que está aqui de cabelo branco sabe disso, e eu cheguei à conclusão que não tinha sentido participar das organizações clandestinas, elas estavam defasadas diante da realidade defendiam um leninismo ortodoxo mecânico, era uma leitura de Marx muito mecanicista. Nós líamos os clássicos, né? Nós não líamos folhetos, apenas os documentos das organizações. Toda a cadeia me permitiu um tempo dessas reflexões. Percebíamos que nós estávamos defasados em relação ao movimento, por exemplo, a nossa organização tinha sido sugerida pelo partidão PCB. Nós tínhamos o contato com o partidão, eu convivi com ele e não me lembro o nome, não sabia quem era, que era clandestino. Propunha que a gente saísse dessa ofensiva quando todo mundo estava derrotado, Marighela já tinha morrido, Lamarca... todo o pessoal da guerrilha já tinha morrido e nós ainda insistimos,

inclusive, a minha organização, quando eu saí, estava pensando em fazer assalto a supermercado pra pegar dinheiro pra fazer o foco, né, a guerrilha do foco. Então era uma coisa, eu condenei, mas eu não era da direção geral do meu partido, enfim. Mas eu entro nisso, é interessante com esse detalhe, eu entro na Universidade como militante, permanecendo com a visão crítica da sociedade, nenhum problema, passei bem, como o Genário... o Geniberto falou [risos], eu fiquei na dúvida nos dois nomes, nós tínhamos dificuldade de entregar os nomes, nós tínhamos. Eu passei muita tortura, muita tortura, tinha nomes pra entregar, eu fui entregue por um companheiro, por dois companheiros, eu fui preso porque me delataram, mas não foi uma delação gratuita. É barra pesada, nós fomos muito torturados, né? E eu consegui passar, consegui jogar com os caras o tempo todo e saí sem entregar o que eu teria mais de relevante pra entregar, não consegui entregar. Então isso era considerado na época um comportamento bom, né? Então essa pessoa tinha crédito no grupo de esquerda, então aí eu fiquei com esse crédito na esquerda e aí uma leitura mais clara, mais vasta da questão da tortura não passa por esse simplismo que a esquerda tinha, de firmeza ideológica e etc. Por que eu estou fazendo essa ponte com a organização? Porque eu entro na Universidade num momento. Aí sim eu vivo um momento da Universidade que era um momento muito bom em relação com que eu já tinha passado e em relação com vocês, que estavam aqui antes, né, da abertura. Tinha vivido, né, Adriel, a ASI, depois eu vou contar alguns detalhes aqui... então, eu entro nesse momento de abertura e dado o meu passado da organização eu consigo um consenso das forças políticas para que o meu nome fosse lançado para o presidente do DCE. Quem era o presidente do DCE na época, o Fernando Luiz da Caixa Econômica considerado pelego, o Fernando Luiz era tido como pelego e Fernando fazia tudo pra conversar comigo. Moisés, que não tinha nada de pelego, e essas questões dos clichês é muito séria porque nós tivemos depois companheiros que foram vistos o tempo todo como delatores, como policiais, como Paulo Sérgio, Paulo Sérgio de Ciências Sociais e parece até... então eu fui ao PT, participei de uma comissão sobre o cara, e o cara não tinha nada a ver com isso mas qualquer era, o tal do Ubaldismo, que falava o Henfil, nós não podíamos ver qualquer coisa que já nomeava, enfim, uma sociedade que viveu sob o terror e sob tudo isso. Então, eu entro com essas forças e todas elas queriam me ganhar, PCdoB queria me trazer e eu dizia não, minha posição. Nesse momento, surge o MEP – Movimento de Emancipação do Proletariado. Há o Vacareza, que veio aqui em missões pelo MEP. Era o pré, não era o MEP, era o pré-MEP. Depois foi que saiu o MEP e nós fizemos, nós vivíamos de reuniões clandestinas jovens, reuníamos

discutindo o país, a esquerda, o comunismo, nas nossas reuniões clandestinas não era só pra tomar umas, era discutir a política, como transformar o mundo, como derrubar essas coisa, ainda tínhamos esse vigor dessa geração. E aí é em 79 eu entro, começo no curso de Ciências Sociais e passo a fazer parte de um diretório, que era um dos mais ativos. Aí você pode refrescar a memória que era um grupo de Ciências Sociais, o do CCHLA, o centro acadêmico, o diretório acadêmico, era muito ativo o pessoal da psicologia. É um pessoal de elite a primeira turma de Psicologia, muita menina de classe média de família, enfim, que tinham mais liberdade pra falar do que os pobres. Eu vou contar um fato que é bem interessante que marcava isso, eles tinham mais cacife pra falar, pra se mobilizar. Então nós fizemos, começamos a fazer um momento de abertura, era o diretório acadêmico que parece que tinha mais concentração, não era mais concentração, embora houvesse outras atividades na área de saúde, na tecnologia, mas nós vamos fazer um jornal, então começamos um jornal, lançamos um primeiro exemplar de um jornal falando dos aspectos da democracia etc. etc. E nesse período também aí a primeira manifestação nossa, a primeira manifestação, depois da ditadura militar, feita pelos estudantes da UFRN, foi a manifestação contra o sistema de avaliação, na mobilização em frente à antiga reitoria, que hoje é a biblioteca. Fizemos a manifestação já quando assumia Diógenes, né? Agora, antes de Diógenes, há um fato muito interessante, é com relação ao Domingos, ao Domingos Gomes de Lima, que era reitor. Quando nós entramos, esse sim considerado um linha dura, um linha dura aliado com os militares, e passamos por uma cena muito interessante com ele. Nós começamos, o Brasil inteiro começou a buscar reativar a UNE e nós fizemos aqui, começamos a fazer a mobilização para fazer o pró-UNE. O primeiro movimento foi em Salvador no ano de 79 e aí nós decidimos que eu deveria me preservar. Como eu era um cara que tinha sido preso político, estava vivendo aquele período ainda sob observação. Nós estávamos abrindo as portas pra democracia, era bom que eu não fosse pra Salvador pra evitar qualquer coisa, pra não contaminar o movimento. Dizer: “quem é esse cara? Um subversivo e tudo mais”. E o pessoal foi pra Salvador e parou, foram parados pela polícia, o ônibus foi revistado, mas não houve nada de mais, fiquei aqui para não me envolver, depois eu fui, antes de Salvador, não me lembro mais da sequência, eu fui pra São Paulo pra uma atividade de rearticulação da UNE, quando eu viajei...

Almir Bueno: Só um esclarecimento.

Moisés Domingos: Relembra.

Almir Bueno: Eu estava no Congresso de Salvador, já foi o congresso que reconstruiu a UNE.

Moisés Domingos: É, foi antes de eu ir pra São Paulo. Esse fato é interessante por quê? Quando eu volto, eu era, modéstia à parte, eu era endeusado pelos estudantes porque era uma cara que foi preso, fez greve de fome, torturado, então era um ídolo. Spinelli é desse tempo e conhece um pouco, que viveu ao meu redor. Então o cara tem uma história, né, e quando eu volto de São Paulo, dessa articulação do Pró-UNE, cheguei no final de semana, o Sávio Hakati, outro nome que eu esqueci de citar, Sávio, João Emanuel, o pessoal: “nós temos uma surpresa pra você e vamos ver”, Sávio foi comigo, eu vim aqui pra Universidade pra ver a surpresa que eles queriam me mostrar, o setor dois estava todo pichado, todo pichado, esse clima de UNE e tal, eu disse: “rapaz, vocês são loucos, o clima não está aberto pra gente ousar tanto”, mas os menininhos da classe média, de “familinhas”, bem tratados, não passaram por essas porradas que eu tinha levado lá. Então queria ver a democracia aparecer, é só uma forma de brincar com... então fizeram aquela pichação toda, e eu fiquei muito preocupado porque tínhamos a ASI o Adriel estava circulando. Normalmente tudo um terror ainda, eu até então... há um registro que me chama bem atenção, não fui incomodado desde que voltei da prisão, até porque depois que eu voltei, voltei logo após a greve de fome, minha residência passou no mínimo um mês com visitas inteiras manhã, tarde e noite, manhã, tarde e noite, manhã, tarde e noite, porque era o cara magérrimo, tinha feito vinte e cinco dias de greve de fome, comunista e “blá blá blá”. Então eles... o campus estava todo pichado eu fiquei preocupado, mas tudo bem, vamos digerir, “vocês cometeram uma bobagem mas vamos...”. Naquela época, eu dizia assim, não vou dizer a palavra que eu disse na hora, mas “vocês cometeram isso, mas vamos segurar, está feito, vamos negociar”. O que acontece semana seguinte? Na semana, eu cheguei no final de semana, a partir de segunda-feira Domingos Gomes de Lima começa a circular as salas dos campus, não sei se Spinelli estava dando aula em algumas dessas turmas. Não, né? Ele foi de sala em sala; vândalos, olha o que fizeram pá, pá, pá, todo aquele tipão, eu lembro quando ele entrou no diretório pra nos fazer o medo, e aí nós ficamos assustados, não é? Eu já vinha das pauladas, os meninos todos assustados porque não tinha vivido isso aí, eu disse: “olha, gente, vamos com calma, vamos observar, vamos ver a reação, está feito, está feito, vamos ver como é que a gente faz”. E aí uma manhã nessa mesma semana

nós estamos numa reunião no diretório acadêmico, pensando como agir – “e aí Moisés como é que a gente vai fazer? Como é que a gente vai fazer?” –, lá vem Domingos Gomes de Lima, sozinho, entra na nossa sala dá um esculacho nos estudantes reunidos, num grupo pequeno, era uma liderança daquela época, oito, doze pessoas e ele dá um esculacho na gente e ficamos todos... e aí alguém reagiu, Rossana Sudário, Geraldo Guedes, Rossana que era muito violenta, hoje é promotora, ainda disse algumas coisas a ele, mas todo mundo com muito medo e com cuidado, eu não falei, eu disse: “não, não vou falar. Eu sou um cara queimado, eu sou visado. Vou ficar na minha”. E depois, quando ele saiu, todo mundo... Cabeça assustado, eu disse:

– Calma.

– O que é que nós vamos fazer?

– Vamos pensar como fazer, vamos reverter o quadro.

– Como é que a gente pode fazer o quadro?

Aí eu disse:

– Olha, nós não podemos atacar de frente – Eu vinha da guerrilha, não é, minha gente? Eu vinha da guerrilha urbana, eu vinha da... – vamos atacar devagar, vamos nos dispersar pelos corredores do centro, sentar em cada banco onde tiver estudante conversando sobre o fato, ou consultando os estudantes como é que eles estão vendo aquele fato, vamos circular e vamos tentar construir uma opinião favorável ao que nós fizemos, não temos o que fazer. Não dá pra se expor agora, vamos fazer isso com naturalidade.

E foi o que começamos a fazer e aí começamos a ser ajudado pelos professores, uma que teve um bom destaque foi Ângela Tiguel, né, antropóloga, começou a fazer...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Minha cliente.

Moisés Domingos: É, a Ângela foi maravilhosa, ela tinha outra... naquela época tinha um professor visitando, um pessoal que veio de São Paulo veio não sei o que, a Universidade tava um pouco cheia e a Ângela começou a nos ajudar. Então, nós fomos olhar e nós íamos entrar num período de campanha, então nós fizemos essa

movimentação, revertemos o quadro e ganhamos a eleição. E a partir daí o movimento, é...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Isso foi em 80?

Moisés Domingos: Em 79, 79, 80... eu passo a ser presidente do diretório central numa eleição, éramos nós da esquerda, toda a esquerda organizada em torno do nome da chapa aroeira e contra os conservadores Wolber Junior e Gutemberg Tinôco. Recentemente, quando eu estava no MEC, o Wolber, conversando com o secretário Elieser, disse: “eu só perdi uma eleição na minha vida, pra Moisés Domingos”. Wolber Junior. Porque naquela época a nossa chapa era “a voz da libertação”, né, e aí nós tivemos uma votação superior as duas, três chapas... teve outra chapa junto, a votação foi superior e aí tínhamos muito espaço na imprensa. Todos os jornais locais, quem pesquisar aquela época não faltavam manchetes, entrevistas quase todos os dias, né? Os Alves tentando seduzir a gente pra levar por lado, então me fizeram várias seduções. A reitoria me mandava, eu ficava assustado, eu morava lá na Rua Marx Cavalcante. Um dia chega aqui do gabinete do reitor um convite todo bonito, todo pomposo pra eu participar de uma solenidade não sei onde. Não. Era a vinda de um ministro, aquele ministro do pacotão, enfim. Então havia sedução dessa parte, de todas as partes. Bom, no mais, com relação ao movimento estudantil, no período em que eu fui presidente do DCE, seria bom registrar, é que nós não tivemos... e olhe, Fernando Mineiro, Rossana Sudário, toda a direção do DCE não teve nesse período nenhuma convocação da ASI, eu mesmo, sendo uma figura já carimbada, nunca fui chamado pra nenhum depoimento, nunca me senti perseguido, o DCE nunca sentiu, não viveu nenhuma pressão, só teve um fato muito interessante que pela primeira vez o Diógenes me chama aqui numa dessas salas pra... que foi muito marcante, já foi uma reunião a respeito da UNE.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ainda era presidente?

Moisés Domingos: Não, aí foi depois, eu era presidente do DCE.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ainda era presidente do DCE.

Moisés Domingos: É que teve a Pró-UNI em 79, né, e o congresso de Salvador, aí não sei o período.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Seu mandato no DCE?

Moisés Domingos: Era um ano. Era um ano, mas fui eleito no final de 79 e entrega no começo de 81. E Domingos...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Exatamente.

Conceição Fraga: [Inaudível].

Moisés Domingos: “Tá”, eu falo do meu período. Então, quando Diógenes... eu só vim saber recentemente, numa entrevista de Diógenes há um ano, que ele havia dito: “eu decidi assumir, mas se não houvesse nenhuma repressão, nenhum controle”. Ele disse na entrevista, que eu só soube recentemente. E no meu período, então o DCE, eu particularmente... ninguém sofreu nada, ninguém foi chamado pra... o reitor era Diógenes da Cunha Lima, o movimento, anterior em 79 ainda, foi Domingos Gomes de Lima. A única coisa que eu teria a registrar com Diógenes foi quando ele me chamou reservadamente. Estava lá no DCE e sou chamado pra vir rapidamente aqui, nós estávamos organizando a reunião sobre a UNE e ele me chamou, começou a conversar eu e ele apenas e ele rodou na conversa, rodou na conversa, eu já sabia o que é que ele queria, eu sabia do que ele estava falando, o tema, não sabia qual o foco, qual o ponto específico. Aí depois de todo rodeado, que as condições eram muito delicadas e que nós não estávamos ainda na democracia e que não estava muito aberta, havia muitas pressões, havia gente pressionando, falou que recebia muitas pressões, a UNE... “Reitor, vamos direto ao ponto! O que é que você está querendo me pedir? Nós temos uma reunião da UNE, sobre a UNE marcada para o Diretório de Ciência da Saúde”, que era ali... era o espaço de liberdade, às vezes, quando a gente sentia a pressão aqui no campus central a gente ia pra o CCS, né, o Centro de Ciência da Saúde, era onde a gente sentia mais... inclusive era foco de muitas outras reuniões.

Conceição Fraga: [Inaudível].

Moisés Domingos: É, não me lembro, mas sempre aconteciam lá. E aí disse: “não, Cipriano era do nosso movimento, Cipriano era aluno, era do nosso movimento”. Aí eu disse:

– Bom, o que é que você está pedindo afinal? Você está querendo?

Aí ele disse:

– Não, é o seguinte: essa reunião está preocupando os órgãos de segurança, enfim, eu estava recebendo pressão de militares pra essa reunião de união de estudantes dentro do campus central, o que é que pode acontecer, enfim...

– Então, o seguinte, vamos, o que é que podemos fazer? Nós estamos querendo fazer uma reunião, pra... – eu fui o presidente marcado um tanto pelo diálogo em todas as esferas, né? Já vinha de uma busca de experiência, não tinha radicalismo pra evitar de conversar com qualquer autoridade, qualquer que negociava eu discutia, não havia problema, essa foi uma marca da nossa direção, algumas vezes tive até que apagar o fogo do Fernando Mineiro, que era sempre mais radical e as pessoas confiavam mais em mim, mandavam chamar pra apagar um fogo do radicalismo do Fernando Mineiro. Então eu disse:

– Ó, reitor, nós queremos fazer uma reunião em defesa da construção da UNE, não temos nenhum interesse de confrontar os órgãos de segurança, nem afrontar nada, nós estamos construindo, tentando reconstruir a UNE. Se o problema é realizar a reunião no campus podemos fazer então, no Centro de Ciência da Saúde, é uma reunião pequena, não é uma manifestação, é uma reunião de lideranças, pra discutir o encaminhamento.

– É! Seria bom se você pudesse, vocês poderiam?

– Sim. Eu vou discutir com as lideranças. Eu estou colocando essa proposta agora. Eu vou discutir com a nossa diretoria – porque sempre nós tomávamos as decisões colegiados – ou discutir com ele, mas em princípio, não vejo nenhum problema em transferirmos a reunião pra lá porque não temos interesse em fazer nenhum embate.

Dito e feito. Fizemos a reunião pra lá, normal, então nesse período, com o Diógenes, o único contato relativo a isso foi esse acontecimento com relação a UNE. Bom, no mais, é isso, no mais é que nós tínhamos naquele período pra concluir essa contextualização, porque nós vivemos um momento bem mais favorável, né, ninguém perseguido naquele meio, o Adriel, a gente conhecia a figura do Adriel, sabia que a ASI continuava aqui dentro, saíram muitas matérias denunciando que a ASI existia, continuava aqui, mas, não foram à minha equipe, não tivemos conhecimento direto, de nenhuma agressão direta, a gente tinha notícia de alguns olheiros, algumas atividades, tínhamos cuidado no que estavam divulgando lá pela reitoria, “a reunião de vocês está sendo acompanhada, o

Adriel tem suas pessoas espalhadas” e isso a gente tinha... sempre circulava, mas essa figura, a figura que fazia o olheiro, nas reuniões, nós não tivemos isso.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Nunca identificaram?

Almir Bueno: Um dedo duro.

Moisés Domingos: Nunca identificamos, o único nome levantado foi o de Paulo Sérgio, o Paulo Sérgio das Ciências Sociais, que esse rapaz aí eu não sei dizer, levou sempre o Paulo Sérgio. Foi o que veio mais anunciado como se fosse um olheiro, né? Eu estou falando para registro histórico, mas depois de tudo isso, quando eu fui pro PT a diretório...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Mas esse era estudante?

Moisés Domingos: Estudante, de Ciências Sociais.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu falo funcionário?

Moisés Domingos: Não.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Servidor da Universidade?

Moisés Domingos: Não. Não. Nunca identificamos, porque o DCE, quando tinha alguma coisa, já denunciava o diálogo. Pois não?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Parece que é sobre o...

Almir Bueno: Pode concluir. Era em relação à ASI.

Moisés Domingos: Certo. Então, concluindo, foi esse período muito mais de mobilização, de articulação e de muita presença. Aí é importante registrar, a Universidade, o campus universitário estava... tinha todas as organizações de esquerda, o restos dessas organizações, militantes vinculados a elas, as principais lideranças todas tinham uma ou outra vinculação ou mais distante ou mais próxima, mas era o pensamento de esquerda presente, tentando dar um norte, uma orientação às movimentações, às nossa mobilizações, mas nada mais, pra concluir, nada mais tão dogmático, tão acirrado como nós tivemos no período da década de 70.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O restante do curso foi até que ano, você deixou o DCE...

Moisés Domingos: E continuei na Universidade, até hoje.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não, mas como estudante foi até...

Moisés Domingos: Como estudante até 80. Não. 79, 83. 82 terminei, passei pro mestrado, terminei a graduação em Ciências Sociais.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Até 1982.

Moisés Domingos: A minha permanência como estudante universitário, depois...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E ingressou como professor quando?

Moisés Domingos: em 95, 1995.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Que eu pensei que você ainda tinha alcançado um pouco da ditadura, mas não...

Moisés Domingos: É. Não, depois eu passei cinco anos no exterior, por um tempo. Bom, em geral era isso.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Obrigado. Estão abertos os debates.

Almir Bueno: Em primeiro lugar, eu queria dizer da satisfação de rever o professor Moisés, que eu tive o primeiro contato aí na militância da ADURN, nos anos 90. Eu entrei em 92 aqui na Universidade. E em segundo lugar, eu acho que eu tive a oportunidade de dizer isso na Comissão, é que a importância dos depoimentos de gerações até diferentes, não tão distantes de idades, mas de períodos, né? Eu sempre ouço Dr. Ives e Dr. Geniberto falando do período dos anos 60 da UNE, né? E os seus dirigentes... E eu frequentei a Universidade em 77, 1977 e 1981, então mais ou menos o período de Moisés e peguei já 77, o período da transição dos estudantes, voltar às ruas em 1979. Houve o congresso de reconstrução, como você disse, foi em julho, em Salvador, né? Do qual saiu, como primeiro presidente, o atual ministro dos esportes, Aldo Rebel. Depois o segundo foi Javier Alfaya, que era da Bahia, mas enfim... e é sempre importante ter esse tipo de experiência, né? Eu acho que a professora Ceíça falou aquela coisa que a gente às vezes pensa, ou pensava que é... o movimento

estudantil ou a oposição ao regime só se dava em São Paulo, Rio de Janeiro, nos centros, mas a gente também vivia esse período e tinha certo conhecimento do contato e representantes de outros estados e sabia que também existia vida fora de São Paulo, né? Mas a minha questão é mais do ponto de vista aqui da nossa Comissão porque a gente tem tido uma certa dificuldade, não sei se essa palavra, mas a coisa da relação Universidade ou reitoria com a ASI, né, e... o depoimento da semana passada ou retrasada, não pegou seu período, o professor Geniberto.

Pessoas falando ao mesmo tempo [risos]

Almir Bueno: Genibaldo disse que no período dele tinha conhecimento que tinha a ASI, mas não, nunca tinha conhecimento tido aqui... nunca tinha conhecimento da ASI aqui na Universidade. E que foi até contestado pela professora Conceição Spinelli, que já funcionava aqui na biblioteca, no prédio da reitoria. Como o próprio reitor da Universidade não tinha conhecimento disso? Então a minha é um pouco isso, até pra gente ter condição de esclarecer mais, com mais um depoimento, essa questão de como é que era a relação dos estudantes com a reitoria, que eu acho que você já falou um pouco isso, mas em relação a própria ASI. Afinal de contas, ela existia completamente. O Adriel ou os outros que participaram da... de diretores dessa organização, como é que era a relação, como é que vocês...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você quer saber se era visível a ASI?

Almir Bueno: Se era visível a ASI? Exatamente.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Vocês tinham... Eram investigados pessoalmente, eram chamados, eram solicitados?

Moisés Domingos: Isso concretamente não aconteceu. Quem deveria ser chamado, mais propício membro da diretoria, membros dos outros CAs, Das, da época, foram criados os centros acadêmicos, enfim, nós seríamos os mais vigiados, mais perseguidos. Pelo menos com um pouco de visibilidade é a *Tribuna*, eu acho que a *Tribuna*, os jornais todos na época fizeram várias reportagens mostrando a foto do Adriel, mostrando onde era a sala do Adriel.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Tem uma entrevista dele longa no...

Moisés Domingos: Circulava o tempo todo isso, nós sabíamos, estou falando do que nós conversávamos. Todos nós sabíamos da existência da ASI, tínhamos fatos, inclusive anteriores. Juliano Siqueira fez o movimento conosco na época, o próprio Fernando, Fernando que eu falei da agência, que foi presidente anterior a nós, Luiz Fernando. Luiz Fernando dizia que havia esse controle, tem outro, falava-se o tempo todo que havia observação, tivesse cuidado com a vigilância, né. Citavam, mas não me lembro realmente, não me lembro porque não era relevante, não. Foi colocado aquele cara, foi pego fichando, anotando. A gente tem isso concreto, que inclusive a gente alertava no DCE, qualquer denúncia dessas nós vamos acampar, pois nós temos a imprensa do nosso lado. Era a rádio, era a imprensa escrita, todo tempo lá no DCE fazendo a denúncia que se nós quiséssemos tínhamos grandes manifestações, né, grandes reuniões nesse campus, então não era isso, né? Nem em seguida como aconteceu, então concretamente uma coisa falar do que circulava, do que circulava, o que se dizia, outra é dizer, “olha, eu fui chamado pela ASI, hoje saiu uma denúncia”, concretamente, nesse período da minha gestão, que era o período de Diógenes, eu não tenho a registrar.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É, na realidade, a ASI na transição, vamos chamar assim, até a morte dela, já começava uma certa abertura nessa época.

Moisés Domingos: Sim, sim.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Então ela não aparecia, não aparecia, como se não existisse.

Almir Bueno: [Inaudível].

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: isso, não aparecia, era como se não existisse, mas ela existia lá, informando. Como ele não tinha agentes oficializados, né, não conhecem, não conheceram nenhum informante. A realidade era essa, ela existia e informava muito, não estava mais atuando às claras e sim nas sombras.

Almir Bueno: Pairava.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Pairava e era uma arma de contenção, né? Você que tem mais informação do que todo mundo.

Patrícia Wanessa de Moraes: Boa tarde, ainda, né? Ainda não são seis horas, perde um pouco a noção do tempo aqui dentro... pois é, eu me chamo Patrícia e sou bolsista da

Comissão, formada em História. A gente fez um trabalho de pesquisa, que não sei se você sabe, a documentação da ASI ninguém tem ideia, não sabe, virou cinzas ou se está em algum porão do Exército, né? Então nós tivemos que nos virar com o que tinha, que foram as reportagens que circularam nos jornais, né? Sobretudo a *Tribuna do Norte*, também *A República* e o *Diário de Natal* e nesses jornais a gente encontrou algumas coisas que não batem muito bem com o que você falou. Então foi muito bom ter esse registro que você falou porque às vezes os jornais acabam colorindo mais as coisa, por exemplo. É bom sempre ter uma desconfiança em relação a furo. Um evento que eu cito que eu vi no jornal, uma manchete assim: “Universidade entrega estudantes a Polícia Federal”. Aí você vai ver a reportagem, a Universidade fez um convênio para os alunos estagiarem na Polícia Federal, então assim distorcia algumas coisas e chamava muito a atenção pra ASI.

[Inaudível].

Patrícia Wanessa de Moraes: É, mas enfim. Daí o que nós vimos em 79, por ocasião do reitor, da entrada do reitor Diógenes, a gente vê que a promessa de campanha dele pra reitor era uma abertura da Universidade, um diálogo. Inclusive eu gostaria de saber se você sabe, se você relembra algo que ele chamou de “operação diálogo”. Se eu não me engano foi uma reunião com várias lideranças dos diretórios acadêmicos e os estudantes, pra escutar esses estudantes, você tem alguma lembrança disso?

Moisés Domingos: [Inaudível] Não lembro, mas o Diógenes nunca teve problema quando nós pedíamos pra conversar com ele, quando nós queríamos negociar alguma coisa com ele. Muitas vezes não havia problema, não havia restrição. Eu passei, não sabia, era um direito participar do CONSEP, como representante do diretório central eu vinha participar do CONSEP sem saber que participava, então, no sentido da relação com ele não. Inclusive o Eduardo Portella, que agora me chegou o nome, quando o ministro veio pra cá ele preparou todo, né, inclusive na estratégia dele. “Estou convidando o presidente do DCE pra ir pro teu evento”, aí o que foi que aconteceu... eu estou na minha casa, foi o convite que eu recebi, recebi o convite, chegou um carro preto bonito lá em casa. Numa rua de menino pobre isso chama a atenção, não é? Então chegou lá, veio entregar um convite na minha... quem sou eu? Na minha casa, um pobre, penso assim, no bairro das Quintas, na Rua Marcos Cavalcante, mas eu era o presidente do DCE e estava sendo chamado pra uma atividade, ia ter com o Ministro

Portella, e lógico, aí reuni, sempre tomava decisões reunindo a diretoria porque sabíamos que havia várias correntes políticas também ali dentro, e decidimos que eu não ia pra lugar nenhum, que eu não ia receber ministro algum, e eu me lembro da surpresa de Diógenes quando o ministro chega e eu estou lá comandando a manifestação e me dirigindo ao ministro para entregar um documento de todos os estudantes. Então Diógenes ficou surpreso porque achava que eu ia pra lá e depois eu ia pra um jantar que ele oferecia na Escola Doméstica pro o ministro Eduardo Portella, então a minha resposta foi aquela pra ele. Mas ele nunca se furtou a essa conversa até esse caso, o único caso marcante no meu diálogo com Diógenes foi esse, esse medo da repressão e me chamar pra não comprometer seguramente a estratégia de gestão dele, né? Do ponto de vista político com relação às articulações da UNI, mas do plano local, não.

Almir Bueno: O Portella, aquele ministro que sempre dizia que estava a milícia, que não era milícia, foi da Academia Brasileira de Letras.

[Pessoas conversando]

Patrícia Wanessa de Moraes: É realmente muito interessante o que você coloca porque nós temos outra ideia a partir dessas fontes que pesquisamos, porque em 79 uma chuva de matéria de estudantes, de professores reivindicando fortemente o fim da ASI. Aí o Diógenes assume com esse comprometimento, mas a ASI é efetivamente extinta, né, e ele diz que a ASI vai servir de informação pra o reitor, mas informação pra fazer a Universidade funcionar. E não informação com as palavras do próprio jornal, não no sentido do policialesco que tinha antes, e aí o que nós vemos tem um vácuo de 80 até 84, em 85 tem novamente uma chuva de reportagem dizendo que a ASI só acabou no papel, né, que estudantes continuam sendo chamados pra visitar a ASI, que a ASI era a única, o único setor da Universidade que tinha ligação direta pra fora, o restante tinha que pedir ramal. E a ASI realizava cerca de cinco telex que correspondia à ligação, eu sou desse tempo, pois é, o e-mail da época, e aí como é, a gente se perguntou: “peraí, se a ASI não funcionava, como ela fazia cinco ligações diárias?”. O próprio jornal se pergunta, na verdade, é uma denúncia de Garibaldi, né? E como eram essas ligações que faziam, como funcionava até agora, como Almir já comentou, as pessoas que estiveram aqui reitores, né, e outras figuras não sabiam: “Não sei onde funcionava a ASI”, “a ASI não tinha nada”, Zacheu, que foi chefe da ASI, disse que a ASI não tinha nada, né? Não tinha documentação nenhuma, não tinha nada, não tinha nenhum tipo de aparto, não

tinha uma máquina, enquanto outras fontes dizem que ASI, sim, tinha várias caixas com arquivos que eram produzidos pelas suas investigações, que tinha os olheiros, né, então a gente fica muito... a gente fica muito confuso porque realmente ela existia, isso não há nenhuma dúvida, mas os depoimentos acabam nos guiando pra caminhos opostos e a gente não, a gente que saber de fato como atuava a ASI, quando ela efetivamente parou de funcionar, né? Que em 85, finalmente, já no período de Genivaldo, não, Geniberto, ela passa a funcionar no MEC, né? Mas mesmo assim ainda continua tendo um contato com a Universidade, aí a gente não sabe ainda como é fazer uma cronologia e ter uma ideia de uma intensidade com que atuava a ASI nesse período, que era supostamente de abertura, sobretudo por conta dessas denúncias que o jornal fazia, embora tenhamos um certo cuidado pra não ler à risca o que está ali, mas eu penso que alguma coisa ainda funcionava, aí você me conta que é como uma liderança do DCE. Como alguém, que já foi preso e torturado, não conhecia ninguém que, foi realmente assim, revelador, para o andamento das nossas pesquisas?

Moisés Domingos: [Inaudível].

Patrícia Wanessa de Moraes: E você tem todas as características pra ser vigiado, né? Porque a gente viu que a parte de tortura e prisões que tinha várias nuances, por exemplo, as torturas aconteceram com as pessoas das camadas mais pobres, dos cursos de humanas, que muitas vezes também acabava tendo alunos mais, mais... de camadas mais simples mesmo, e enquanto, sim, além disso, você já tinha sido preso e torturado, fez parte do PCR, que era um partido muito visado por conta das questões que você falou, então se você, que nesse momento também atuava no DCE, não foi nem tem notícia de alguém que foi perseguido ou visado ou chamado à sala dele, realmente eu acho porque mais ninguém foi.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Veja, Patrícia, eu não vou ser redundante porque eu já tive a oportunidade de dizer. É uma opinião minha, uma teoria minha, mas eu estou convencido disso, a ASI era, durante certo tempo foi institucionalizada, mas ela, ela e vários outros instrumentos da repressão fazem parte de uma coisa etérea, que é chamada de comunidade de informações, que eu acredito que no Brasil essa comunidade sobreviveu ainda até o final do governo Sarney, que foi na realidade um governo de transição, né? Porque toda essa comunidade de informações, uma grande parte de... líderes das forças armadas continuaram no comando, então essa comunidade

resistiu e ela não aparecia, não aparecem esses arquivos que você lançou, estão em algum, em alguma instituição militar, na realidade, não deve estar, está em poder de um grupo que ainda, ou ainda são muito idosos ou então sucessores deles que ainda existem, que é uma direita fascista, que fazia parte da comunidade de informações.

Patrícia Wanessa de Moraes: Que comemora 31 de março, né?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Isso, exatamente. Uma série de coisas, umas coisas assim leves, públicas, mas se hoje, se eu fosse supersticioso eu fazia assim, né? Voltar, houver um retrocesso, houver um golpe, ela vai sair prontinha na mesma hora, está tudo pronto, tudo organizado, tudo organizado. Pode ser uma teoria conspiratória minha mas eu tenho essa convicção quanto mais essa... esse processo da Comissão da Verdade, da Memória, é um grande instrumento para cada vez mais essa comunidade de informação, não ao contrário. Eu estou mais otimista, cada vez mais ela é uma consolidação do processo democrático, eu acredito que a partir do governo de Itamar Franco... esse é um, né, Collor! Collor. Mas Collor é muito ligado à ala forte dessa comunidade de informações, Itamarati, né. Muito bem, mas, então, na realidade, eu acho que a documentação existe e está guardada, e ninguém sabe, não tem como saber por que, é um grupo de alto nível, de estratégia, né? E isso reflete aqui nessa contradição, a ASI se acabou, foi extinta, foi, mas até a comunidade ser dissolvida tinha pessoas aqui fazendo seu trabalho de espionagem, de informações, de transmissões de informações que não aparecia, que nem tinha cede, nem tinha titular, mais que funcionava. Spinelli.

[Pessoas falando]

José Antônio Spinelli: Eu acho, hoje eu acho que temos instituições democráticas. Permitem um debate, a expressão livre do pensamento etc., eu não tenho dúvida que essa democracia que temos é uma democracia que tem muitas restrições, muitas limitações, limitações muito graves, gravíssimas, que limitam o alcance da democracia, mas eu acho que se a gente amplia o conceito de ditadura de uma forma tão... assim, tão, eu não sei qual... tão alargada, se a gente alarga tanto assim o conceito de ditadura a democracia não teria existido em nenhum momento da história, que é um contrassenso, né? Que a democracia relativamente existiu, dizer a mais na Grécia, tínhamos aquelas limitações: escravos, mulheres, estrangeiros etc., mas era democracia apesar de todas essas limitações, e por que era democracia? Porque o povo participava, não é? Membros

das classes populares, das classes subalternas, participavam, apesar de tudo. Camponeses, trabalhadores livres, artesãos... e você tinha debates diretos, participação diretas, claro, com todas essas limitações, o fato de ser democracia não significa que nós não temos um olhar crítico a respeito delas, não haverá democracia efetiva neste país, né? Ou seja, democracia que faça jus a esse nome efetivamente enquanto não tivermos uma democratização dos meios de comunicações de massa, essa é uma tarefa fundamental, né? E todos nós sabemos como o monopólio que se exerce nos meios de comunicação de massa, a imposição do pensamento único etc., restringe profundamente a democracia porque os meios de comunicação de massa têm efetivamente o poder de pautar e agendar o debate político e de enquadrá-lo também, não é? São noções clássicas da ciência política e da área de comunicação, as noções de agendamento e de enquadramento, não vou discutir isso aí que é uma... com certeza, a presença, a forma como as eleições se dão, os desenhos das instituições, é a questão do dinheiro, eleições caríssimas, tudo isso limita o alcance da democracia. Agora, dizer que é uma ditadura, a não ser que o conceito de ditadura seja o conceito marxiano de ditadura, tal como está exposto no manifesto e como Norberto Bobbio tão competentemente esclareceu ao fazer a distinção entre ditadura enquanto regime político, o amplo e a ditadura tecnicamente falando. Tecnicamente falando, tivemos uma ditadura de 1964 pra 85, tecnicamente falando, não temos uma ditadura se quisermos aplicar o conceito mais alargado de ditadura enquanto ditadura de classe, aí tudo bem. Durante todo esse período, de 1889 pra cá, tivemos uma ditadura burguesa no Brasil, mas não vou adentrar nessas discussões teóricas, embora isso seja importante ressaltar. Eu acho também o seguinte: é a direita, a extrema direita, radical, que continua existindo, é organizada com toda certeza, né? E atividades de informações, não tenhamos nenhuma dúvida, estamos fichados por aí, muito de nós estamos fichados por aí, e, realmente, se houver um golpe de direita, essa comunidade vai emergir, vai emergir violentamente, não tenho nenhuma dúvida quanto a isso. Eu acho que outra coisa extremamente importante é isso, as forças armadas se adequaram à democracia, mas não são democráticas, infelizmente, e eu acho que essa não se pode consolidar, essa democracia, enquanto não se introduzir no âmbito das forças armadas o espírito democrático. E não são democráticos, infelizmente, desgraçadamente, não são, né? Tem todo esse prestígio popular a que o Geniberto se referiu, tem realmente, mas não são democráticas, infelizmente não, e o espírito revanchista, o saudosismo... pior, não está apenas entre as gerações mais velhas de oficiais, está entre as gerações jovens de oficiais também, e isso é muito grave,

gravíssimo, mas eu estava interferindo pra dizer uma outra coisa. Em primeiro lugar, o que eu não tinha dito ainda, eu não conhecia o Dr. Geniberto, a não ser por referências de terceiros e referências literárias. Por ter visto o nome dele em inúmeras obras de memória e de história, fiquei agradavelmente surpreso pelo o que ele revelou aqui, alguém que tem uma visão de mundo muito ampla, uma formação literária que tem e não se restringe ao campo de Medicina, sem esquecermos que os médicos deste país, a Medicina neste país deu grandes intelectuais, Guimarães Rosa, por exemplo, foi médico. Nós tivemos médicos que foram grandes intelectuais neste país e é motivo de regozijo saber que há médicos como você, Geniberto, uma pessoa com uma visão extremamente aberta, generosa, fez um belíssimo depoimento. Quero me congratular também com meu amigo, colega de profissão, sociólogo, Moisés Domingos. Quando você se referiu a 79, Moisés, eu tinha voltado de Campinas, estava fazendo mestrado de sociologia na UNICAMP e estava ainda gozando o afastamento pra o mestrado. Não participei das atividades aqui, estava fazendo pesquisa no Instituto Histórico, e retornei depois em 80 e comecei a dar aula efetivamente. Já tinha dado aulas anteriormente na Fundação José Augusto, ainda bem jovem. Mas o que eu queria lhe perguntar é o seguinte: eu encontrei no Departamento de Ciências Sociais, no corpo docente, que ainda se ressentia muito da ausência de uma formação específica no campo das Ciências Sociais. Achamos muitos advogados no departamento, era o período dos bacharéis, temos pessoas também em formação sociológica, mas muito poucas e eram pessoas com alguns deles, hoje quase todos estão aposentados já, muito deles hoje eu mantenho relação de amizade etc., mas tínhamos muito conflitos políticos, conflitos políticos abertos no interior do departamento. Eram pessoas de direita, efetivamente, o que não quer dizer que eu não estou fazendo nenhum julgamento, nenhum juízo de valor, estou dizendo que eram pessoas de direita porque se assumiam enquanto tais. Eu queria te perguntar como é que isso é, veja bem, para os alunos de Ciências Sociais como chegava o debate intelectual, havia restrições, havia... ou havia uma abertura, havia um clima aberto, como é que vocês vivenciavam isso? Por que eu não vivenciei mais da perspectiva de aluno, mais na de professor, né?

Moisés Domingos: É interessante essa sua observação, até porque nós, sem entrar, sem alongar, mas o debate tem que sair da pureza do conceito, sair da abstração do conceito, que é a teoria. Articulá-la com a realidade. É quando vocês falavam, lembravam de outras passagens do próprio ministério, rapidamente. Quando Fernando Haddad cria,

muda, lança o ministério, lança o decreto de reformulação do sistema da educação profissional e tecnológica e ele estava há poucos meses no ministério, junto com o Eliezer Pacheco na secretária de educação profissional e tecnológica. E ficamos nós e toda a rede federal estarecida, como é que o ministro, o Tarso Genro... cheguei com o Tarso Genro aí na disputa de interesse, sai o Tarso Genro, vem o Haddad, que era adjunto de Tarso Genro. Como é que um ministro de um governo que se diz popular, democrático, propõe e impõe uma modificação da rede federal de todo o país através de um decreto, né? E eu escrevi um texto, está lá na página do MEC, estava em debate a questão das universidades tecnológicas, os Institutos Tecnológicos, e tem uma introdução, onde eu faço... foi uma lição que eu... a realidade me mostrou assim, bem de cara, que é a nossa... essa dinâmica da própria realidade que nem sempre se enquadra no conceito, nas formulações abstratas que fazemos, uma característica da nossa construção democrática é essa ambiguidade, essa contradição, essa tensão, né, de uma sociedade. Como alguém falou, nunca tivemos tradição democrática e isso temos que repetir por isso. A própria esquerda autoritária, os próprios intelectuais, críticos, autoridades. Quantos militantes, quantos esquerdas e mesmo intelectuais ou políticos de tradição estão nos ministérios fazendo o contrário do que pregam. Eu vivi, foi uma das grandes lições de estar no ministério, num governo de tradição crítica tudo mais etc. e ver colegas que militaram, que vieram, e outras organizações, um discurso belíssimo, mas as questões éticas, as questões autoritárias, a pirotecnia do poder, a própria corrupção eles estão reproduzindo, muitos deles, muitos dignos, outros que reproduzem isso, mas o que é que é? Essa é a nossa realidade. Então naquela época aí, antes da sala de aula como eu falei, falava no próprio Padre Miguelinho, sai, plena ditadura, o presidente Médici visitando Natal, e eu era um estudante que mais provocava debate no Padre Miguelinho, lá na turma do científico, primeiro científico, nunca paramos de falar. A gente ia pra Casa do Estudante ouvir Frassuar Silvestre, ouvir Emanuel Bezerra, naquele auge, ainda com muita ditadura, mas nós estávamos falando. Nesse momento das Ciências Sociais tem duas coisas, um registro interessante. Havia dois grupos. Mais ou menos havia o pessoal da esquerda, que inclusive do ponto de vista formativo nós sofremos com isso porque ou se lia Marx ou não se lia Marx. Então Weber, Durkheim, os outros clássicos eram *an passant*, a gente tinha...

José Antônio Spinelli: Eu não.

Moisés Domingos: Eu estou falando na minha época, você perguntou na minha época.

José Antônio Spinelli: Só corrigindo eu trabalhava com Weber com Dukheim, com outros autores.

Moisés Domingos: Ah, não. Eu estou falando de 79, no ano que eu entrei que é esse clima. Nesse período nós tínhamos isso, tínhamos, enfim... e havia um tanto de funcionalistas, nós, estudantes qualificados, reproduzíamos essa classificação dos professores, né? Os mais à esquerda, os funcionalistas, e uns no meio, que não faziam nada. Então, com relação a esse debate havia... nós continuávamos fazendo o debate e essa época boa de 79 pra 80 onde a sociedade começou a se abrir e começou a haver muito debate, mas nas Ciências Sociais nós sempre... esta é a minha leitura do nosso curso naquele período, ainda uma forte visão, um forte peso do Marxismo, né? E de uma leitura um tanto não científica do Marxismo e que fazia uma leitura mecanicista da realidade, né? Então com relação a tua pergunta, era isso.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Obrigado. Pode, com a palavra.

Hugo Manso: Quando o professor Spinelli fez essa pergunta eu me lembrei. Eu entrei em 78 aqui na Engenharia Mecânica, história completamente, de vida, diferente da de Moisés, mas nos encontramos nas assembleias estudantis. Nós pagávamos uma disciplina que chamava-se EPB – “Estudos dos Problemas Brasileiros”, eu não lembro mais, eu ainda vou lembrar o nome do meu professor, que ele dizia em sala de aula que...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É importante que você se lembre

Hugo Manso: Que o nome da... não, mas é só um detalhe simples.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não, mas eu estou querendo saber.

Hugo Manso: Ele dizia que o nome da disciplina estava errado, que deveria ser “estudo dos possíveis problemas brasileiros”, eu nunca consegui esquecer isso, que ele minimizava os problemas do Brasil na disciplina, era uma disciplina de dois créditos.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ele era ufanista.

Hugo Manso: Era. Ele era extremamente apaixonado pelo regime, né? E nós, na Engenharia, a gente tinha, eu não sei se os alunos da Engenharia ainda tem esse mau costume, nós tínhamos o mau costume de chamar alguma disciplinas de... eram

chamadas de cadeira, pagar “Cálculo I” é uma cadeira, “Geometria Descritiva” com o professor Ma era uma cadeira difícil e tinham os tamboretos, essa era um tamborete, eram as disciplinas que a gente se inscrevia, sabia que passava e não precisava, eram dois créditos à noite, noutros horários, é que tinha as cadeiras e os tamboretos.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É, essa disciplina foi imposta pela ditadura.

Hugo Manso: Então EPB. Aí então, quer dizer, o que nos passavam os professores...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Hein?

[Inaudível].

Hugo Manso: Então o nome era esse, “Estudo dos Problemas Brasileiros”. E o colega, ele fazia na primeira aula, ele dizia: “olha, eu acho que essa disciplina está errada” e aí ele só falava de coisas positivas, das iniciativas positivas, né, mas só também pra ilustrar. Eu cheguei aqui da ministra, encontrei com o professor e soube – eu estou lembrando de uma reunião que eu participei nessa sala. A ministra dos Direitos Humanos, a secretária, Rosado, que ela está fazendo, é a esposa do Eliezer, está fazendo a entrega de um kit pra os conselhos tutelares, eu estava só lembrando aqui a sala das reuniões dos colegiados superiores, não é? Eu participei de uma reunião com o ministro Jarbas Passarinho, ele esteve nesta sala conosco, aqui, ministro e coronel, foi um dos que esteve aqui conosco naquela época, nesta sala. Não lembro exatamente do assunto, mas ele veio, e participou da reunião na sala do colegiado superior. Então a Universidade tinha essas visitas na maior normalidade. Os estudantes participavam, tudo tranquilo, a gente fazia críticas, mas as coisas aconteciam também. Essa visita dele acho que já 80, 81, ele esteve aqui, esteve também o Ludwig, que fez a inauguração do Centro de Convivência. A inauguração que ele veio fazer acabou não tendo a solenidade porque uma manifestação dos estudantes... o Ludwig, isso já em 82, eu acho.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Rubem Ludwig.

Hugo Manso: Rubem Ludwig. Mas eu só queria registrar o EPB, eu acho que é interessante.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É, foi um dos achados da ditadura.

José Antônio Spinelli: Moisés, desculpe a... eu acho que eu intervim na sua fala de forma um tanto abrupta, desculpa a... mas veja, eu acho que realmente esse período é isso, é curioso, né? Eu acho que o marxismo se tornou uma espécie de ideologia hegemônica em certos setores da Universidade num determinado período. E como toda ideologia hegemônica e era o marxismo, eu não generalizaria. Não diria que todos que eram marxistas ou todos que discutiam Marx ou autores marxistas fizessem por um viés mecanicista, mas havia realmente, não é? Não eram todos, mas havia realmente, e eu acredito modestamente que não fazia dessa forma, inclusive nunca me absteve.

Moisés Domingos: Só ressalvo que você está estendendo pra todo o período, me referi ao período da abertura.

José Antônio Spinelli: 79.

Moisés Domingos: Quem se destacou exatamente nesse período que eu alcancei Willington Germano, era quem fazia realmente uma leitura do marxismo sem muito viés ideologizante, né?

José Antônio Spinelli: Aberto, isso.

Moisés Domingos: Mas isso no processo de abertura, depois o curso vai se abrindo década de 80, 1981... nós vamos tendo mais espaço pra falar bem mais amplamente, mas no começo era muito fechado porque era um embate político que tinha que ser feito naquele momento, ideologizava a participação.

José Antônio Spinelli: Mas como toda ideologia que se impõe hegemonicamente, termina se impondo de uma forma muito distorcida e enviesada, extremamente enviesada. Isso deve ser evitado. Eu estava discutindo hoje com os meus alunos um sociólogo que você obviamente conhece, o George Simmel. E dizia pra eles: “olha, o Simmel era um cara de direita profundamente elitista etc., mas ele tem coisas importantes a nos dizer, e nós não podemos nos furtar a discuti-lo”. E eu diria que hoje, outros vieses, outras deformações também depois houve uma reversão disso. Aí o marxismo passou a ser perseguido na Universidade, já no período democrático dizer-se marxista ou ser marxista, aliás, ainda é isso hoje, hoje é motivo até de chacota, de discriminação, o que é um absurdo, não é? Um absurdo. Mas enfim, eu tomei a palavra mais para lembrar o seguinte, a fala de Hugo puxou outras coisas, é que na época ainda havia essa disciplina EPB – “Estudo de Problemas Brasileiros”, que era o

correspondente de “Educação Moral e Cívica” no ensino médio, e nós tínhamos aqui na Universidade, além dessa disciplina EPB, que era obrigatória, não é? E que ocupava o espaço, enfim, tomava espaço de outras discussões mais interessantes e outras disciplinas mais interessantes, nós tínhamos um curso de Estudos Sociais, que era um curso de graduação curta, tinha outro nome. A Pedagogia dava outro nome, uma licenciatura curta, era licenciatura curta um curso de estudos sociais, que era um produto realmente dessa mentalidade autoritária que havia na época e a gente batalhou muito, tanto pra banir a disciplina EPB dos currículos da Universidade, que era uma disciplina obrigatória em todos os cursos da Universidade da Engenharia... qual era a Engenharia de Hugo? Era a elétrica ou a mecânica? A mecânica, da Engenharia Mecânica até as Ciências Sociais a Geografia, mas lutamos também pra extinguir o curso de licenciatura curta em Ciências Sociais que era em, aliás, em estudos sociais, que era uma aberração. Eu me lembro que travamos uma batalha difícil no próprio CONSEP eu fui representante do CONSEP durante algum tempo e terminamos por conseguir essa extinção, mas no curso de Ciências Sociais eu acredito que, apesar desse embate que havia lá, digamos, entre esquerda e direita, havia um clima de liberdade discussão, não havia essa restrição não.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Obrigado, Spinelli. Spinelli, passe aí por favor esse microfone.

Sandra (ouvinte): Obrigada. Boa noite. Eu acho essas alturas já a todos... Eu queria só fazer um pequeno comentário, sobre essas... alguns dos pontos levantados aqui, virar a página do regime militar, conforme o professor Geniberto eloquentemente até colocou aí. Eu acho que é o desejo de todas as gerações passadas presentes e até direi futuras mesmo, é do nosso país, todavia, eu não questiono, eu me tremo toda da cabeça aos pés de colocar essa questão: estamos ou não num regime democrático? Porque a resposta pode ser bastante... a mera pergunta eu acho que já é bastante preocupante, pelo menos pelas gerações da minha que também viviam a reconstrução da UNI em 70 e essa coisa e não tanto quanto os outros colegas. Então, é preciso até qualificar bastante quando estamos falando dessas coisas, todavia, o professor Geniberto, eu cito e *ipsis litteris*, falou caracterizando o regime militar do exercício da perversidade gratuita, que caracterizava aquele regime como nenhum. Eu acho que também o próprio regime pode negar, e assim como foi falado, mencionado aqui, a manifestação dos estudantes há dois dias aconteceu aqui na cidade de Natal. Eu acho que qualquer um de nos adultos

responsáveis que testemunhou mesmo, que viu as poucas imagens que apareceram na mídia do tratamento policial, essa é a perfeita caracterização do que aconteceu nas ruas de Natal, do exercício da perversidade gratuita, quando os estudantes foram realmente caçados como animais mesmo, por cavalos, por motocicletas, por vários tipos de veículos da Polícia de Choque da cidade. As meninas que estavam se manifestando eram chamadas, por favor, desculpe, eu geralmente sou uma pessoal que não utilizo muito palavrão, mas eram chamadas de putas pelos policiais que estavam correndo e caçando nas ruas da nossa cidade, quando também podemos testemunhar que lugares como o Via Direta, o Natal Shopping e as outras instituições que estavam abertas a essas horas fecharam as suas portas de maneira que aqueles que queriam se refugiar ou mesmo procurar algum tipo de abrigo das bombas intensas, constantes sistemáticas e duradouras por vários, por mais de um período, de mais de uma hora, não tinham onde se abrigarem, aqueles também que puderam testemunhar que alguns pediam socorro aos carros, batendo nas portas pra poder os poucos que transitavam nas ruas pudessem, enfim, fugir da violência, acho que da perversidade gratuita ou não eu não sei. Mas, enfim, não tinham também abrigo. Ninguém podia ir pra casa, simplesmente não tinha ônibus, não havia nada e algumas partes da mobilização, a interdição da rua, não foi feita pela mobilização estudantil, mas pela própria polícia, que realmente isolou o movimento para que eles pudessem cavalgar nas ruas ao bel-prazer e exercitar esse trabalho. Dois dos meus bolsistas de iniciação científica, que são pessoas extremamente pacíficas, e eu pelo menos não testemunhei nenhum tipo de provocação ou violência partida pelo menos da grande maioria dos estudantes que estavam na rua, foram imensamente batidos no ouvido, levou uma bala no ouvido, outro teve sua cabeça batida em pelo menos três pontos e hoje nós fizemos... eu entrei aqui chegando do ITEP, né, pra fazer o corpo de delito, eu mesma fui ferida e machucada pelas... levemente, mas enfim, em comparada a tudo isso é uma, né? Então eu só queria colocar isso, eu acho que, como podemos virar essa página, se nós não temos que encarar, se elas ao menos já passaram? Eu acho que essa discussão aqui da Comissão da Verdade tem esse mérito e essa responsabilidade muito extrema, que é de realmente perguntar se essa violência isolada acabou, passou, quem são essas pessoas que detém nossos records, nossas fichas, passadas, presentes ou futuras, enfim, como vamos encarar e principalmente eu vou concluir espero não ter me exceder muito aqui no tempo é que a mídia não atuou lá, e as poucas pessoas que tinham câmeras ou vídeos, como pessoas independentes da comunidade, eram confiscadas. Há fotografias disso pela polícia, ou seja, as imagens

que causariam a indignação ou a fala condizente com o regime democrático de direitos, conforme garantido pela nossa constituição de 98, não estão disponíveis e nunca chegaram. Por mais de três horas durou a manifestação, ninguém sabendo na cidade o que acontecia, as pessoas correndo, gritando e tudo mais. Jamais chegou uma só pessoa, uma mídia responsável pra poder documentar de modo que o recorde triste e trágico do que aconteceu nas ruas de Natal ficaram desmoralizados pela mídia porque começaram a chamar os estudantes disso e daquilo. Com raras exceções, talvez a do professor Spinelli, que falou, eu vi uma entrevista lá, tentando esclarecer, educar a população, o que é uma manifestação, o que é um estado de direito... desculpe, eu só vou concluir, então talvez a gente possa pensar em como também ter uma campanha como tinha essa disciplina de EPB no tempo da infame ditadura que talvez não tenha passado. Talvez a gente deveria ter uma de ensinar os cidadãos, talvez obrigatória, que a constituição do nosso país hoje é a de 1998.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: 88.

Sandra (ouvinte): Desculpe e obrigada. É essa. Obrigada.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Muito obrigado. Alguém mais quer fazer o uso da palavra? Patrícia.

Patrícia Wanessa de Moraes: Só reiterando alguns pontos que a professora já falou, né? E pensar também a função da nossa comissão, que deve ser muito mais de memória do que de verdade, porque frequentemente eu vi circulando por aí pela internet o coronel Brilhante Ustra, né? Aquela figura que eu prefiro não dar adjetivos, mas enfim... você vê ele dizendo, gritando, que o a revolução democrática de 31 de março salvou o Brasil do golpe comunista e o que eu mais lamento é de ver que as pessoas que também concordam com ele e que há uma disputa de memória nesse sentido. Uma memória que quer se colocar como uma revolução democrática que tirou o Brasil de uma ditadura comunista e uma outra memória que quer trazer à tona todas as desgraças, né? E as perversidades que foram cometidas naquele momento. Então a nossa Comissão é importante pra pensar que nós seremos garantidores dessa memória que, acredito eu, é a mais afinada com a realidade, né? E que também não gosta de pensar na história como uma mestra da vida, mas querendo ou não ela vai ensinar às gerações futuras a não repetir esses erros. E aí a gente fica realmente como a professora colocou, se a gente se pergunta que democracia é essa é porque ela não é tão clara assim, né? É extremamente

comprometida com o conservadorismo, o professor Spinelli, assim... tive, eu não gosto de sentir pena, mas eu tive pena das perguntas que ele teve que responder porque eram extremamente enviesadas no sentido de colocar a manifestação como algo que alija o cidadão normal, que não está participando do direito de ir vir, que é um transtorno pro restante da população. Como se o restante da população não tivesse nada a ver com aquilo ali, e aí, né? Felizmente foi ele, né? Poderia ser um cientista político não muito comprometido, nem muito consciente do que é uma manifestação e da importância que a manifestação e o conflito, como ele mesmo colocou, é importante para garantir a democracia. Não eram só vinte centavos que estavam em jogo, mas o direito de falar quando você está em desconforto, se sentindo injustiçado, e aí a nossa Comissão novamente é respalda, esse direito de trazer a tona as injustiças que aconteceram no lugar que por excelência deve ser do diálogo e da verdade, a Universidade, e é isso.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Obrigado Patrícia. Deixe eu... antes eu quero, não, você vai ter a palavra agora, até na frente de Geniberto que já pediu, é porque eu ir registrar aqui a sua presença, Marcos José de Castro Guerra, Marcos Guerra, que é da Comissão da Verdade, da Memória, OAB, juntamente com Djamiro, que também já teve a oportunidade aqui de falar. Na sua frente, ele é mais velho que você tem direito.

Marcos Guerra: É uma pergunta, curiosidade ou uma resposta que a Comissão talvez devesse procurar... você, Geniberto, e eu não reconhecemos na Universidade hoje um filhote que a gente criou e batizou, que é a presença de um terço dos estudantes nos órgãos, eu pergunto, vocês na Comissão, conseguiram já identificar onde foi esse infanticídio, como ele foi produzido? Ou eu estou enganado, continua aquela conquista da greve de um terço, continua com sucesso. Isso já foi trazido à Comissão.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Já foi discutido aqui, mas...

Marcos Guerra: Quem foi o infanticida?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu lhe confesso que...

Marcos Guerra: Deu pra identificar?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não, eu lhe confesso, foi discutido muito *en passant*, não teve nenhuma... não está registrado na ata e eu vou passar pro presidente Carlos Gomes, pra que ele comece.

Patrícia Wanessa de Moraes: Por gentileza, qual foi a pergunta?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: quando dois terços caíram, ou um terço dos estudantes caiu. Quando tiver a resposta eu pessoalmente vou lhe transmitir.

[Inaudível]

Geniberto Campos: Não, eu queria, eu acho que tenho que colocar duas coisas, primeiro em relação à ASÍ. Patrícia, você está preocupada com a existência dela ou dou um testemunho que eu estava no Ministério da Saúde e na época eu exercia um cargo lá importante, eu era secretário nacional e de repente alguém da ASÍ, em 1989, 1989...

José Antônio Spinelli: Lá é ASÍ?

Geniberto Campos: É ASI, desculpa, ASI ou ASÍ, mas [incompreensível] e eu fiquei surpreso que era uma pessoa assim à paisana que vinha conversar sobre um assunto, eu não lembro o que é que era, mas ficamos todos surpresos de saber que aquilo existia, né? Então, eu acho que a ASÍ realmente existe, está certo, tem uma coisa hoje chamada ABIN, que eu tenho impressão que a gente, que ele não cumpre aquilo que podia ser imaginado por conta do cacoete autoritário daquele período. Eu acho que esse negócio é muito importante da gente perceber, então ela existia, sim. Eu queria parabenizar então a ASI daqui porque ela não conseguiu aparecer [...] é uma coisa que não existe, mas existe, e colocar o olho na ABIN [...]. Novamente eu queria agradecer essa oportunidade de estar aqui, que pra mim foi muito bom me deslocar de Brasília pra cá, pra ouvir vocês, trocar essas ideias e dizer: “vamos prosseguir nesse, que eu acho que a coisa realmente esta indo bem”. Sandra.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A ideia é encerrar agora porque já são 18h30, então seja breve.

Sandra (ouvinte): [Inaudível].

Geniberto Campos: [Inaudível].

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quero agradecer a todos pela atenção, pela a riqueza das discussões, registrar que essa foi a reunião mais longa do todas realizadas agora e com o alto nível dos debates. Isso significa que é altamente positivo, e agradecer especialmente a Geniberto Campos e a Moisés Domingos pela presteza do atendimento ao convite de ambos, pela qualidade das dissertações que fizeram aqui e com toda certeza foram importantíssimas para o nosso relatório final da Comissão da Verdade, Universidade Federal Rio Grande do Norte, e tem sido aqui uma constante. Nós extrapolamos o território limitado, né? Que a criação da Comissão, né, a reitora nos deu que é apurar as, apurar tudo que foi, é... toda a quebra de liberdade, expressão e exercício da profissão de professor, de estudante no âmbito da Universidade, nós temos extrapolado e eu acho que isso é importante até por que muita coisa pode ser aproveitada na Comissão da Verdade, estado, e na comissão nacional. Boa noite, muito obrigado a todos.

Moisés Domingos: Pedir aplauso à Comissão como um todo [aplausos]

[Pessoa falando].